

Presidente admite 'perdão' para Argentina

Wilson Pedrosa/AE

Segundo ele, cobrança de dívida seria suspensa temporariamente para ajudar país vizinho

O presidente Fernando Henrique admitiu ontem, após reunião com a equipe econômica, que não haverá problemas em renovar o acordo com o FMI e até em aumentar a meta do superávit primário para 3,5% do PIB, se a situação argentina exigir. E tudo indica que vai exigir. Sobre o parceiro do Mercosul, o presidente, nessa segunda parte da entrevista ao Estado, reconheceu que a estratégia brasileira, no momento, é a de conceder-lhe uma espécie de waiver (perdão) provisório até que as coisas melhorem por lá. Mas não deixa dúvidas de que é um waiver meio impaciente com as seguidas rupturas de lealdade praticadas pelo governo argentino contra um parceiro comercial muito importante.

**ACORDO
COM FMI
PODERÁ SER
RENOVADO**

Estado – Sobre a questão Argentina, parece que há certo consenso de economistas importantes de que seria conveniente o Brasil renovar o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em função do cenário, e fazer com que o superávit primário cresça para 3,5% do PIB, em vez de 3%...

Fernando Henrique – O Financial Times foi o primeiro a me perguntar sobre a questão do FMI. Disse que é uma coisa muito normal, não tem problema nenhum, ele existe para isto, para socorrer quando há necessidade. Se o governo encontrar necessidade, fala com o FMI. Nós temos um recorde muito importante com o

FMI: há três anos cumprimos todas as metas. Então, temos boa vontade do FMI. Haver necessidade ou não depende de uma avaliação recíproca, nossa e do FMI. Se for para dar mais segurança ao País, acho bom fazer.

Estado – Isto está sendo discutido no governo?

Fernando Henrique – Sempre discutimos. Temos contatos estreitos com o FMI, que tem muito respeito pelo governo brasileiro. O programa não pode ser do FMI. O programa tem que ser nosso. Nós temos grau de seriedade suficiente para dizer: “achamos que podemos fazer isto, estão dispostos a abrir um crédito?” O que aconteceu da última vez? Eles nos deram US\$ 40 bilhões. Nós não pegamos. Nós pegamos, sei lá, US\$ 15 bilhões, e pagamos tudo, rapidamente. Isto é mais um dinheiro virtual, como que dizer para o mercado: “olha, não vem que não tem”. É uma blindagem, não é proprial-

mente para usar o recurso, embora possa ser usado. A meta para o ano que vem era de 2,7%. Nós aumentamos para 3%, já por nossa conta. Podemos ampliá-la, bem como a deste ano. Seguramente, se houver necessidade, nós vamos pedir mais recursos. Hoje, os Estados estão num regime de disciplina fiscal dura, e as estatais também. Então, nós não teremos dificuldade em atingir a meta consolidada. Aumentou o endividamento. Por quê? Continuamos botando em cima da mesa os esqueletos. Um é o FGTS. Isto é uma conta enorme, que nos foi passada pelos governos passados, e nós reconhecemos e estamos organizando o pagamento. São, sei lá, R\$ 40 bilhões, ou R\$ 60 bilhões. Tivemos os bancos, agora, a Caixa Econô-



FHC: “Onde há problema, enfrentamos. Isto vale para corrupção”

mica e o Banco do Brasil. Se juntamos um com o outro, dá R\$ 60 a R\$ 70 bilhões. Então, o endividamento não aumentou, mas nós só reconhecemos o que já estava lá. E saneamos. Só dos Estados, foram R\$ 150 bilhões. Poucos governos tiveram a coragem que nós tivemos. Onde tem problema, nós enfrentamos. Isto vale para a corrupção, também. Nunca deixei de dizer “vá em frente”. Claro que isto dá prejuízo para mim, como político, para o governo, como imagem. Mas não estou ligando para isto. Tenho convicções.

Estado – Nos últimos 15 dias o governo brasileiro te-

ve uma atitude enérgica, quase hostil, com relação ao comportamento da Argentina e depois recuou, em função das dificuldades do país vizinho. Passada a tempestade, o sr. acha que o Mercosul tem futuro?

Fernando Henrique – Qual foi o momento em que o governo realmente esperneou? Foi no momento em que ela começou a desfazer a tarifa externa comum, o Mercosul, a idéia da união monetária, porque há compromissos internacionais e tal. É também porque foi unilateral. Assim, não dá. O mais importante para nós é que a Argentina se saia bem. Então, quando o ministro Cavallo ar-

Se o governo encontrar necessidade, fala com o FMI. Temos um recorde com o FMI: há três anos cumprimos todas as metas. Então, temos boa vontade do FMI

■ Não adianta botar tarifa em cima de nossos produtos. A Argentina tem superávit nos negócios com o Brasil, sempre teve. Não vamos deixar criar na Argentina um sentimento anti-Brasil que não se justifica. Neste momento, precisamos refrear nossas aspirações

■ Não privatizamos a geração (de energia elétrica). Essa lenga-lenga de que não deixamos as estatais investirem não é verdadeira

Fernando Henrique Cardoso

gumenta: bom, então nós aumentamos a tarifa em 7% para importação e importação. Vocês quanto desvalorizaram o real este ano? Ficamos um pouco sem argumento, porque, de fato, no mínimo, desvalorizamos uns 20%. É claro que por trás disso tem outros problemas. Para que a Argentina possa voltar realmente a ter o dinamismo que nos interessa e que nós queremos, para que o Mercosul não tenha empecilhos, é preciso que a Argentina resolva não só o seu problema momentâneo, mas seu problema de base: retomar condições de crescimento. E nesse sentido mesmo algumas medidas que são muito específicas e que não são mui-

to lá conforme a natureza dos tratados, a gente pode até entender. Meu Deus, tomara que com isso a Argentina saia do marasmo. Agora, se não sair, se começa a tomar uma medida aqui, outra acolá, começa a dar a impressão: olha, que diabo, não é o Brasil que está atralhando. Não adianta botar tarifa em cima de nossos produtos. A Argentina tem superávit nos negócios com o Brasil, sempre teve, continua tendo. Não vamos deixar criar na Argentina um sentimento anti-Brasil que não se justifica. É o nosso jogo. Nesse momento, precisamos refrear um pouco nossas aspirações.

Estado – Estamos numa espécie de waiver?

Fernando Henrique – Isso, uma espécie de waiver.

Estado – Quem é o seu candidato “in pectore”?

Fernando Henrique – Sou eu (risos). Imagine se perguntasse ao papa – que não é o meu caso – quem é o cardeal “in pectore” dele. Ele não fala...O papa morre sem falar. Mas daqui a poucos meses vou falar o nome do meu.

Estado – Perfil?

Fernando Henrique – Tem que defender o governo, porque o governo fez. Não tem que ficar acovardado, não. Todos os dados são favoráveis. Todos, não. A distribuição de renda, não. É estrutural. Pode criticar políticas aqui e ali. Mas, no conjunto, a direção que nós queremos dar, começar a pagar a dívida social, uma economia aberta e dinâmica, um Estado não menor, mas mais eficiente, já temos. E uma mudança cultural que valorizo muito, que é essa coisa de moralização. Hoje os brasileiros são mais responsáveis. Veja a crise energética: podem falar mal do governo, o presidente tinha que saber, etc. Mas cooperam. Tem uma coesão social que não há em outros países. (S.V.)